

**A LÓGICA PEIRCEANA NO ATO CRIATIVO DE DAVID NEBREDAS:
UMA ANÁLISE FENOMENOLÓGICA**

Rodrigo Antunes Morais¹

Resumo

David Nebreda, diagnosticado com esquizofrenia paranoide aos 19 anos, passou por diversas internações até que decidiu abandonar os tratamentos clínicos e se recluiu em uma casa em Madrid, onde pratica queimaduras, feridas, perfurações e diversos outros tipos de lesões em seu próprio corpo a fim de produzir fotografias e simbolizar a narrativa que constrói a partir de seus eventos alucinados. O presente artigo analisa a obra de David Nebreda com base na teoria fenomenológica peirceana no que diz respeito a lógica e a terceiridade, pois o ato criativo desse fotógrafo se dá a partir de dados simbólicos que externam uma realidade alucinada. Para isso será utilizada a obra *Matrizes da Linguagem e do Pensamento* de Lucia Santaella, no que diz respeito às formas representativas.

Palavras-chave: David Nebreda. Lógica. Terceiridade. Símbolo. Semiótica peirceana.

Esquizofrenia e ciências cognitivas

O termo “esquizofrenia” foi cunhado pela primeira vez nos estudos do psiquiatra suíço Eugen Bleuler, em 1911, para caracterizar um grupo de alterações mentais que interferem na forma de pensar de determinados pacientes com alterações psíquicas. A teoria teve sua origem com a possibilidade de muitas falhas; isso não significa que estivesse errada, mas sim que, com os estudos realizados a partir dos aparatos técnicos e do desenvolvimento da ciência da época, o termo ainda poderia estar em um estágio muito precoce para ser utilizado.

Atualmente, teorias diferentes se propõem a falar sobre a esquizofrenia e muitas delas possuem divergências, tanto na aceitação de teorias de outras áreas do conhecimento, como nos referenciais do próprio campo de atuação.

As principais teorias que participam desse contexto na contemporaneidade são dadas pela neurociência e a psiquiatria. De certo que outros ramos da ciência não podem ser deixados de lado, como por exemplo, os estudos genéticos sobre esquizofrênicos ou até

¹ Mestrando da Faculdade Cáspes Líbero. Mestrado – Linha A – Processos mídiáticos: Tecnologia e mercado. digo.morais@gmail.com

mesmo a psicologia analítica. Porém, para os âmbitos da análise do pensamento e da linguagem na lógica de portadores de esquizofrenia as duas áreas citadas serão as de maiores valores para uma possível leitura semiótica das alucinações esquizofrênicas.

De fato, em cada uma dessas áreas, não existe apenas uma base de conhecimento, mas essa separação possibilita um entendimento mais amplo. Assim, mostrando a necessidade de uma explanação geral para entender como cada área pode fornecer valores ao contexto dos estudos de comunicação.

A neurociência tem cada vez mais aberto seu escopo como uma ciência interdisciplinar e, desta forma, promovendo uma possibilidade de estudos desde as áreas da biologia, da química e da medicina, bem como estudos de filosofia, linguagem e comunicação. Seu objeto de estudo central é o funcionamento do sistema nervoso e, portanto, fornece ricos diagnósticos para o entendimento da esquizofrenia a partir da ativação dos lobos cerebrais e do funcionamento dos neurotransmissores no cérebro humano.

O ramo da psiquiatria, atualmente, herda grande parte dos valores explorados pela neurociência sobre a irregularidade dos neurotransmissores no cérebro e alia esse contexto aos âmbitos do que é capturado pela mente diante da atenção, percepção, memória, raciocínio, juízo, imaginação, pensamento e linguagem, ou seja, os estudos nesse campo da ciência se baseiam na estrutura interfuncional da consciência enquanto qualidade mental para uma análise da esquizofrenia.

Atualmente, para a psiquiatria, a esquizofrenia é tida como a mais grave entre as doenças da mente, podendo ainda ser caracterizada como um grupo de patologias que designam alterações no pensamento através de alucinações. Desta forma, é cabível entender que essa análise panorâmica da esquizofrenia traz a possibilidade de um entendimento que inicia uma vertente de estudo que abre as portas para a pesquisa do pensamento e da linguagem derivados de eventos alucinados, ou seja, toma-se por base as alucinações esquizofrênicas, que por sua vez são tidas aqui como uma percepção real de um objeto que não possui estímulo externo; ainda podendo dizer que o objeto alucinado é real para a pessoa que está passando pelo período de alucinação.

Para aprofundar as noções dessa principal característica da esquizofrenia e para que se possa dar continuidade no entendimento da percepção e da cognição na lógica de esquizofrênicos, o principal nome na psiquiatria contemporânea é Oliver Sacks², que diz:

When the word "hallucination" first came into use, in the early sixteenth century, it denoted only "a wandering mind". It was not until the 1830s that Jean-Étienne Esquirol, a French psychiatrist, gave the term its present meaning – prior to that, what we now call hallucination were referred to simply as "apparitions." Precise definitions of the word "hallucination" still vary considerably, chiefly because it is not always easy to discern where the boundary lies between hallucination, misperception, and illusion. But generally, hallucinations are defined as percepts arising in the absence of any external reality – seeing things or hearing things that are not there. (2012:Introduction 1/3)³

Dentre os possíveis tipos de alucinações esquizofrênicas, destacam-se:

- Alucinações auditivas: reconhecimento real de sons não propagados por uma compressão ou onda mecânica externa.
- Alucinações visuais: reconhecimento real da ação de feixe de fótons e/ou percebimento de luminosidade (que podem ou não ter construção mental de imagem) não propagados por estímulos externos.
- Alucinações táteis: reconhecimento real de recepção nervosa de textura, espacialidade, temperatura e/ou dor não provocada por estímulo externo.
- Alucinações olfativas: reconhecimento real de moléculas odoríferas não geradas por substâncias externas.
- Alucinações gustativa: reconhecimento real de substâncias nas papilas gustativas não geradas por estímulo externo.
- Alucinações sinestésicas: reconhecimento concomitante de dois ou mais tipos de alucinações.

Portanto, torna-se necessária uma visão de que as alucinações fazem parte de um repertório empírico de cada paciente e é nesse momento que as ciências cognitivas se

² Autor e professor de neurologia e psiquiatria no Columbia University Medical Center.

³ Em tradução livre: Quando o termo "alucinação" teve seu primeiro uso, no início do século XVI, denotava apenas "uma mente vagando". Até que em 1930, Jean-Étienne Esquirol, um psiquiatra francês, deu ao termo o seu atual significado - antes disso, o que chamamos atualmente de alucinação era referente apenas a "aparições." Definições precisas do termo "alucinação" ainda variam consideravelmente, principalmente porque nem sempre é fácil discernir onde o limite situa-se entre alucinação, equívoco de percepção e ilusão. Mas, geralmente, alucinações são definidas como percepts resultantes da ausência de qualquer realidade externa - ver coisas ou ouvir coisas que não estão lá.

diferenciam nas vertentes de estudos seguidas pelas ciências analíticas. Isso é facilmente detectável no momento em que Jung faz a cisão de suas pesquisas no ramo da psiquiatria e parte para o desenvolvimento de suas teorias psicológicas:

Na verdade, esses conteúdos não existem apenas no paciente e sim no inconsciente de toda pessoa normal que, no entanto, tem a felicidade de não suspeitar disso. Eles não surgem do nada nem resultam, tampouco, da intoxicação de células cerebrais, mas constituem partes integrantes de nossa psique inconsciente. Manifestam-se da mesma forma ou de forma semelhante em inúmeros sonhos, produzidos durante períodos da vida que, aparentemente, nada têm errado. Aparecem também nos sonhos de pessoas normais que jamais estiveram próximas de uma psicose. (JUNG, 2011, p.267)

Enfim, nesse momento, cabe entender que um evento alucinado participa do repertório da pessoa alucinante, ou seja, as ciências que compreendem a estrutura e o funcionamento da mente humana – diferentemente de uma ciência analítica como a desenvolvida por Jung – podem mostrar que esquizofrênicos baseiam linguagem e pensamento a partir de um repertório que nem sempre é proveniente de estímulos externos. Faz-se, então, necessária uma avaliação da esquizofrenia perante as relações da percepção e cognição, para um posterior estudo semiótico.

Percepção e cognição na esquizofrenia

Com esse panorama, fica clara a tendência que os estudos sobre esquizofrenia têm em apenas considerar os âmbitos biológicos e médicos, esquecendo-se que características da filosofia e da comunicação – bem como uma variedade de outras áreas – podem auxiliar na compreensão do ambiente alucinado por esses pacientes. Portanto, constata-se uma necessidade de abordar a percepção e a cognição, principalmente diante das características da esquizofrenia, através de “contra-argumentos para as teorias que têm de recorrer a ‘dados dos sentidos’ para explicar a percepção” (SANTAELLA, 2012, p.90). Para isso, faz-se presente as análises de Lucia Santaella sobre as considerações de Charles Sanders Peirce – o qual será abordado com maior destaque adiante – sobre percepção.

Para o início dessa contextualização, deve-se considerar que toda a análise feita até esse momento sobre estímulos sensoriais e dados dos sentidos tem uma amplitude muito maior no entendimento de Peirce; que qualifica tudo aquilo que percebemos como percepto.

Num artigo de 1970, R. F. Almender procurou demonstrar a consistência da teoria peirceana da percepção, argumentando que, por estar sustentada em uma postura metafísica realista, essa teoria é epistemologicamente coerente. Peirce afirmou, sem hesitações, que aquilo que nós percebemos é o percepto. O que está lá, fora de nós, e que nos chega, que é apreendido num ato de percepção, chama-se percepto. (SANTAELLA, 2012, p.89)

Sendo assim, pode-se observar o percepto como tudo aquilo que se força ao reconhecimento sem utilizar de suporte, ou seja, o objeto da percepção. Ainda assim Santaella apresenta uma ambiguidade, encontrada na teoria peirceana, sobre a exploração do percepto:

De um lado, [...] os perceptos não são apresentados como tendo uma natureza mental, não são construções mentais. São ao contrário, iniciadores compulsivos do pensamento, insistentes e exigentes, incontroláveis e precognitivos. De outro lado, há passagens em que Peirce dá ao percepto um caráter mental. (2012, p.92)

O que a autora demonstra é que existem momentos nos quais Peirce coloca o percepto de forma independente; não atrelado à qualquer mente interpretativa. Porém, em outros momentos, existem relatos em que Peirce elege o percepto a um produto mental, como pode ser visto a seguir:

Não obstante sua primitividade aparente, todo percepto é produto de processos mentais, ou, de qualquer modo, de processos que são mentais para todos os intensos propósitos. (PEIRCE *apud* SANTAELLA, 2012, p.92)

Desta forma, pode-se constatar que existe um momento em que o percepto é tido como produto da cognição. Para essa situação, Santaella apresenta uma solução elaborada por Richard Bernstein, na qual diz que Peirce solucionou a ambiguidade dos dois sentidos existentes para o percepto ao criar um terceiro termo, o *percipuum*. Com isso, o percepto se mantém independente e externo à mente, enquanto o *percipuum* se encontra no julgamento da percepção, em outras palavras, o percepto pode ser tido como qualquer estímulo que ainda não teve contato com qualquer receptor sensorial, ao passo que o *percipuum* é o percepto no momento metafísico em que é processado por um organismo.

No campo das alucinações esquizofrênicas é possível, então, conceber que a diferenciação analítica não cabe apenas ao percepto, mas sim também ao *percipuum*. Isso indica que o percepto, por mais que não tenha sido propagado por um estímulo externo, é o

mesmo diante da mera avaliação psicológica dos dados dos sentidos, tanto para portadores de esquizofrenia quanto para pessoas que não possuem distúrbios dessa ordem. Portanto, o início da alucinação esquizofrênica se dá no célere momento em que a interpretação sensorial começa, ou seja, na fugacidade transitória do percepto para o *percipuum*.

Isso mostra a grande necessidade de se aliar valores da semiótica nesse tipo de estudo, pois, como diz Peirce:

Um percepto visual obstrui-se em mim, em sua inteireza. Não estou, desse modo, consciente de qualquer processo mental pelo qual a imagem foi construída. Os psicólogos, no entanto, são capazes de dar algum relato da questão. Desde 1709, eles são proprietários de provas suficientes (tal como muitos deles concordam) de que, não obstante sua primitividade aparente, todo percepto é produto de processos mentais, ou, de todo modo, de processos que são mentais para todas as intenções e todos os propósitos, embora não estejamos diretamente conscientes deles; não sendo pouca a complexidade desses processos. Os psicólogos muito razoavelmente argumentam que as primeiras impressões, que marcam os sentidos, devem ter sido sentimentos de qualidades dos sentidos – digamos cores, sons etc. – desconectados uns dos outros, e não parecendo se opor a um ego como objetos, e parece que isso deve ter sido verdadeiro desde as primeiras impressões produzidas sobre os sentidos na história do desenvolvimento mental, não importa quão longe os sentidos do homem individual de hoje estejam da capacidade de aprender esse complexo imediatamente. Mas isso é bem inferencial. Nós estamos, é certo, diretamente atentos às qualidades positivas dos sentidos no percepto (embora no percepto em si mesmo, elas não estejam, de modo algum, separadas do todo do objeto); mas inferir daí que elas estão primeiramente desconectadas e não objetivadas, isso não passa de uma teoria psicológica. (PEIRCE *apud* SANTAELLA, 2012, p.93)

O que cabe a ser entendido, nas questões da percepção, é que a alucinação que acontece em pacientes que possuem esquizofrenia tem um funcionamento distinto no julgamento da percepção, como mostra Lucia Santaella ao descrever a vida de pessoas não esquizofrênicas:

O julgamento de percepção, ao contrário, embora falível, é indubitável. Nossa vida ficaria insana, esquizofrênica, não conseguiríamos sequer sobreviver, se estivéssemos a todo instante colocando nossos julgamentos de percepção em dúvida. (2012, p.96)

Portanto, quando essa irregularidade perceptual toma corpo na mente de um esquizofrênico – já tratando do campo cognitivo –, acentua-se uma dualidade interpretativa, pois o objeto que propagou o estímulo não é real; enquanto o percepto insiste em sua

realidade, o que faz com que um julgamento de percepção equivocada não seja apreendido na cognição da pessoa alucinante. Em exemplo a isso, Peirce diz:

... o julgamento perceptivo só pode se referir a um simples percepto que jamais reexistirá; e se eu julgo que ele parece vermelho, quando, na realidade, ele não pareceu vermelho, deve ser pelo menos reconhecido que ele pareceu parecer vermelho. (PEIRCE *apud* SANTAELLA, 2012, p.108)

Sobre isso, Oliver Sacks diz:

Perceptions are, to some extent, shareable - you and I can agree that there is a tree; but if I say "I see a tree," and you see nothing of the sort, you will regard my "tree" as a hallucination, something concocted by my brain or mind, and imperceptible to you or anyone else. To the hallucinator, though, hallucinations seem very real; they can mimic perception in every respect, starting with the way are projected into the external world. [...] When you conjure up ordinary images - of a rectangle, or a friend's face, or the Eiffel Tower - the images stay in your head. They are not projected into external space like hallucination, and they lack the detailed quality of a percept or a hallucination. You actively create such voluntary images and can revise them as you please. In contrast, you are passive and helpless in the face of hallucination: they happen to you, autonomously - they appear and disappear when they please, not when you please. (2012:Introduction 1/3)⁴

Enfim, essa explanação demonstra a emergência do pensamento subjetivo e a necessidade de estudar a importância das significações dadas a esses perceptos na mente de portadores de esquizofrenia; assim, demonstrando os valores da lógica nos estudos de Charles Sanders Peirce.

A lógica na esquizofrenia

Para Peirce, a lógica tem dois sentidos: um mais estreito e outro mais vasto. No primeiro, lógica é a ciência das condições necessárias para se atingir a verdade. No sentido mais amplo, é a ciência das leis necessárias do pensamento. Mas, uma vez que todo pensamento ocorre em signos, a lógica, no seu segundo sentido, é semiótica

⁴ Em tradução livre: Percepções são, em certa medida, compartilháveis - você e eu podemos concordar que existe uma árvore; mas se eu disser "eu vejo uma árvore," e você não vê nada do tipo, você considerará minha "árvore" como uma alucinação, algo inventado pelo meu cérebro ou mente e imperceptível para você ou qualquer outra pessoa. Para a pessoa alucinante, embora, as alucinações são muito reais; elas podem imitar a percepção em todos os aspectos, começando com a forma como são projetadas para o mundo externo. [...] Quando você conjura imagens comuns - de um retângulo, a face de um amigo ou a Torre Eiffel - as imagens ficam em sua cabeça. Elas não são projetadas para o espaço externo como alucinação e necessitam da qualidade detalhada de um percuto ou de uma alucinação. Você cria ativamente tais imagens voluntárias e pode revisá-las como desejar. Em contraste, você é passivo e impotente diante da alucinação: ela acontece autonomamente - aparece e desaparece quando querem e não quando você deseja.

geral, tratando não apenas da verdade, mas também das condições gerais dos signos como signos. Trata também das leis de evolução do pensamento, o que coincide com o estudo das condições necessárias para a transmissão de significado de uma mente a outra, e de um estado mental a outro. (SANTAELLA, 2005^a, p.39)

Com isso, é possível perceber que o cunho lógico da linguagem parte dos princípios de terceiridade na teoria peirceana, já que se trata dos valores representativos. Isso demonstra que os valores lógicos da linguagem são tidos no âmbito simbólico, ou seja, partem do princípio da reprodução de aparência como forma de representar algo.

As formas representativas, também chamadas de simbólicas, são aquelas que, mesmo quando reproduzem a aparência das coisas visíveis, essa aparência é utilizada apenas como meio de representar algo que não está visivelmente acessível e que, via de regra, tem um caráter abstrato e geral. O conceito peirceano de símbolo cabe aqui com justeza, visto que o símbolo é um *representamen* que preenche sua função sem depender de qualquer similaridade ou analogia com o seu objeto e é igualmente independente de qualquer ligação factual, sendo símbolo unicamente por ser interpretado como tal. É certo que independe de qualquer analogia ou relação factual com o objeto não significa que o símbolo eventualmente não possa ter essas características. (SANTAELLA, 2005^a, p.246)

Tendo em vista essa relação simbólica, é possível entender que as relações da percepção e da cognição de esquizofrênicos, ao ter um ato criativo, trabalham perante a mediação de perceptos alucinados. A associação de ideias que faz com que o símbolo seja interpretado tem como referente um objeto que faz parte do campo perceptual da alucinação. Assim, essa associação de ideias, o hábito, trata de uma representação figurativa que parte do princípio dos objetos que apenas são tidos na percepção e cognição singulares do indivíduo que passa por um determinado evento alucinado.

As categorias lógicas da linguagem podem ser analisadas a partir dos seguintes aspectos:

Mediação ou terceiridade, o ser de uma lei que irá governar fatos no futuro (qualquer princípio geral ordenador e regulador que rege a ocorrência de um evento real, como, por exemplo, a lei da gravidade governando a queda da pedra que rola da montanha; [...] Representações, isto é, signos ou fatos de terceiridade, por exemplo, a palavra céu como signo do céu, uma fotografia do céu como signo do céu, uma pintura do céu como signo do céu; [...] Concepção ou mente nela mesma, quer dizer, sentido de aprendizado, mediação o signos de terceiridade, por exemplo, nestes parágrafos que o leitor está lendo, o aprendizado que eles trouxeram a mim ao escrevê-los e provavelmente também para o leitor ao lê-los. (SANTAELLA, 2005^a, p.35)

Ainda é possível entender que, para um esquizofrênico, a ocorrência do evento real citada por Santaella é gerada a partir de objetos não reais. Sendo assim, essa mediação e representação externam dados alucinados, a fim de simbolizá-los a partir de um repertório empírico que não distingue cognitivamente os estímulos gerados por eventos reais dos estímulos causados pelas disfunções da dopamina⁵ no funcionamento cerebral.

A lógica peirceana no ato criativo de David Nebreda

Para exemplificar esse processo, tem-se a obra de David Nebreda. Nascido em 1952, foi diagnosticado com esquizofrenia paranoide crônica aos 19 anos e passou por diversas internações até que decidiu abandonar os tratamentos clínicos e se recluiu em uma casa em Madrid. Nebreda é licenciado em Belas Artes, porém em seus conhecimentos em fotografia – sua principal atividade – ele é autodidata; com isso também é possível identificar um alto nível de conhecimento do uso da luz e da sombra em sua obra.

Recluso em sua casa, Nebreda pratica queimaduras, feridas, perfurações e diversos outros tipos de lesões em seu próprio corpo fotografando-se como forma de simbolizar a narrativa que constrói a partir de seus eventos alucinados. O corpo nu, muitas vezes velado por tecidos brancos, mostra a influência direta das obras Caravaggio ao simbolizar Cristo durante a flagelação, o que demonstra representar suas alucinações a partir de um repertório prévio adquirido ao longo dos anos que estudou arte; um aspecto da representação por analogia, ou seja, a semelhança, como explica Lucia Santaella:

Estas são formas simbólicas no sentido peirceano, que dizer, convencionais, mas são, ao mesmo tempo, motivadas por manterem vínculos de semelhança com aquilo que representam. Embora essas formas se estruturam em sistema e representem seus objetos através de leis gerais, estabelecidas por hábito ou convenção, há, no entanto, entre ambos (signo e objeto), uma relação de analogia que se caracteriza por um certo teor de semelhança aparente ou diagramática. Portanto, convenções culturais são necessárias ao entendimento dessas formas, mas a arbitrariedade de seus símbolos associa-se a elementos de semelhança entre signo e objeto. (2005^a, p.248-249)

⁵ Neurotransmissor cerebral responsável pela sensação de prazer e motivação.

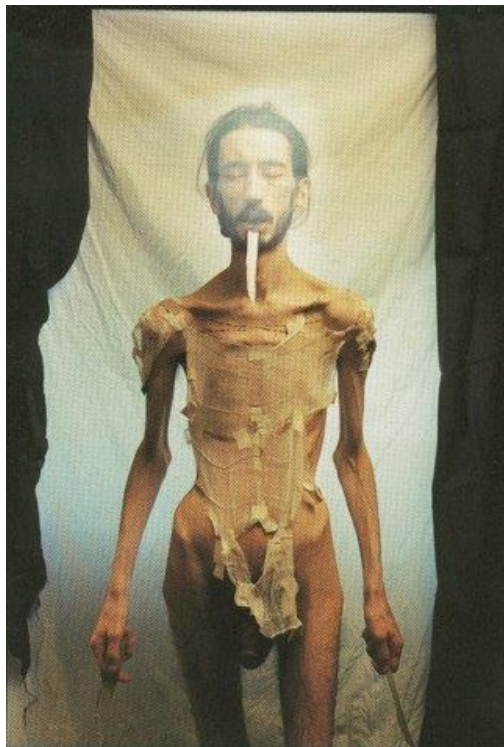


Figura 6 - David Nebrada, *Sem título*.
Fonte: <http://www.tumblr.com/tagged/david%20nebrada>



Figura 7 - David Nebrada, *Sem título*.
Fonte: <http://www.tumblr.com/tagged/david%20nebrada>

O corpo magro e flagelado também mostra a influência dos simbolismos da crucificação tão presentes na arte, porém é abstinência sexual que intensifica os valores simbólicos que unem a Igreja e a arte na obra de Nebreda.



Figura 8 - David Nebrada, *Sem título*.
Fonte: <http://www.tumblr.com/tagged/david%20nebrada>

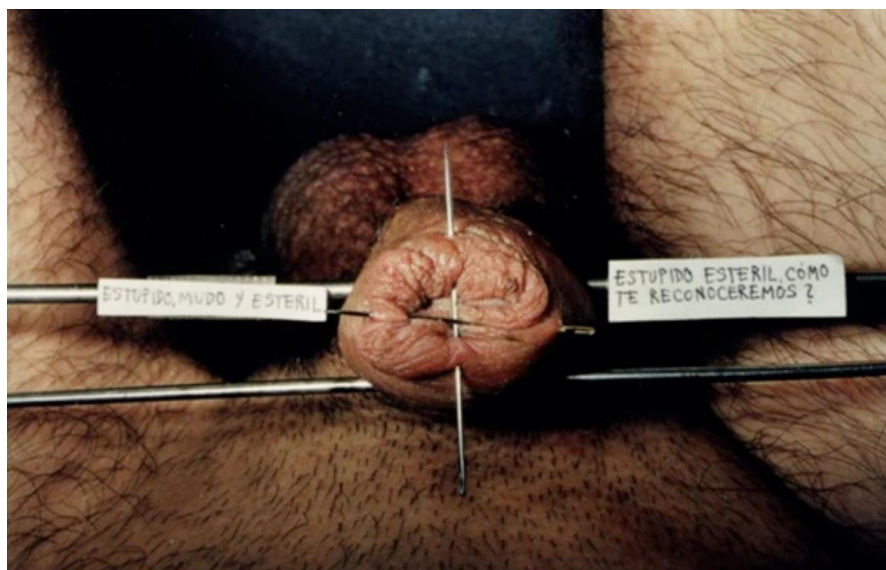


Figura 9 - David Nebrada, *Sem título*.
Fonte: <http://www.tumblr.com/tagged/david%20nebrada>

O uso da simbologia e a prática do celibato demonstram as características de esterilidade e suas relações com o catolicismo, o que evidencia a busca que David Nebrada faz em dar lógica aos perceptos alucinados relativos à divindade. Isso fica ainda mais evidente no constante uso do triângulo equilátero em sua obra:



Figura 10 - David Nebrada, *Sem título*.
Fonte: <http://www.tumblr.com/tagged/david%20nebrada>

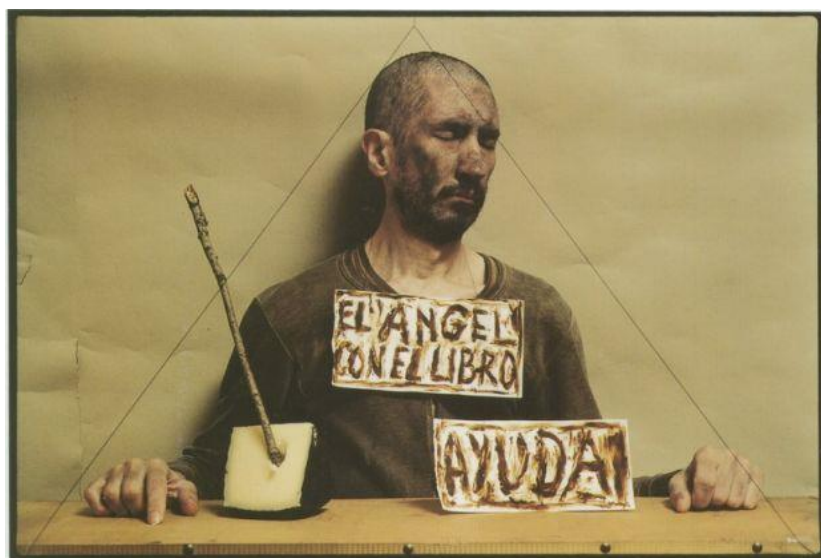


Figura 11- David Nebrada, *Sem título*.
Fonte: <http://www.tumblr.com/tagged/david%20nebrada>



Figura 12 - David Nebrada, *Sem título*.
Fonte: <http://www.tumblr.com/tagged/david%20nebrada>



Figura 13 - David Nebrada, *Sem título*.
Fonte: <http://www.tumblr.com/tagged/david%20nebrada>

O triângulo equilátero tem uma simbologia muito abrangente, porém, tendo em vista que Nebrada tem um repertório empírico adquirido da arte barroca, pode-se demonstrar que o uso dessa forma geométrica acontece diante da representação da divindade, da harmonia e da proporção; assim, simbolizando Deus. A arte de Nebrada pode ser vista como uma forma de

representação simbólica que contém o sentimento (sugestivo) que tomou corpo nos sentidos (existencial) para demonstrar a lógica de sua realidade dada por eventos alucinados. O que é expressado da forma mais visceral em uma narrativa na qual o próprio criador é condensado por seus símbolos:

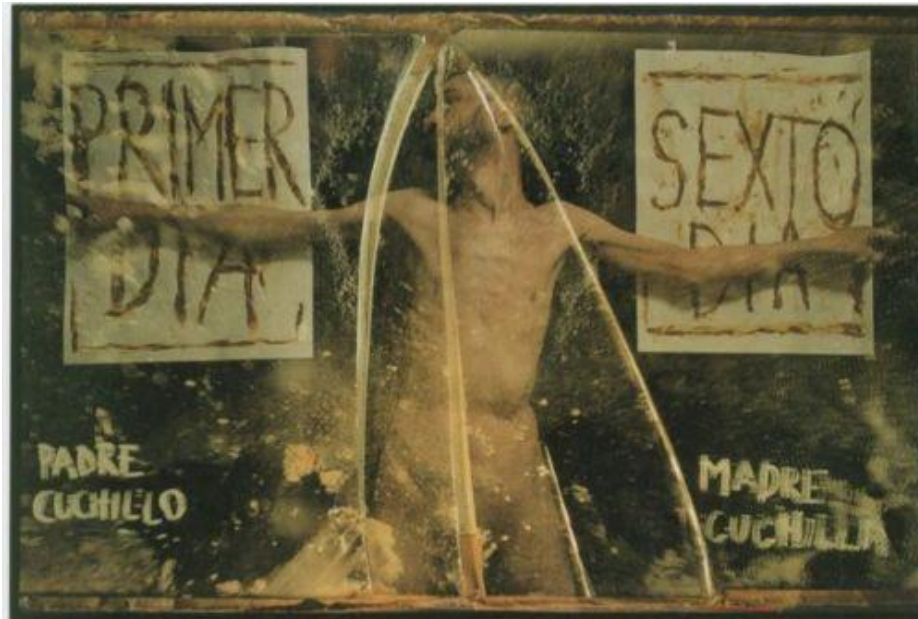


Figura 14 - David Nebrada, *Sem título*.
Fonte: <http://www.tumblr.com/tagged/david%20nebrada>

Por fim, a lógica se mostra no ato criativo de esquizofrênicos como “um meio para atingir um fim que a transcende” (SANTAELLA, 2005a:40). Pois, somente assim será possível uma compreensão harmoniosa sobre as infinitas possibilidades do ser. O importante, acima de tudo, é demonstrar que a estética e a ética desaguam nos parâmetros lógicos para que seja possível um mundo no qual os pressupostos unilaterais sejam deixados de lado, abrindo as portas para a compreensão de que um ato criativo pode ser a ignição para que qualquer ser humano adentre às infinitas possibilidades de vida que pode ter.

Referências

- CHIACHIRI, Roberto. **A semiótica na comunicação**. In *Communicare: revista de pesquisa*. São Paulo: Faculdade Cásper Líbero, 2005.
- FOUCAULT, Michel. **História da loucura na Idade Clássica**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1972.
- JUNG, Carl Gustav. **Psicogênese das doenças mentais**. Petrópolis: Editora Vozes, 2011.
- PEIRCE, Charles Sanders. **Semiótica**. São Paulo: Perspectiva, 1999.
- _____. **Collected papers**. Edição eletrônica.
- SACKS, Oliver. **Hallucinations**. E-book. Canada: Random House, 2012.
- _____. **O olhar da mente**. São Paulo: Companhia das letras, 2010.
- SANTAELLA, Lucia. **Estética: de Platão a Peirce**. São Paulo: Experimento, 1994.
- _____. **Matrizes da linguagem e do pensamento: sonora, visual, verbal: aplicações na hipermídia**. São Paulo: Iluminuras, 2005a.
- _____. **O que é semiótica**. Col. Primeiros Passos. São Paulo: Brasiliense, 2001.
- _____. **Percepção**. Fenomenologia, Ecologia, Semiótica. São Paulo: Cengage Learning, 2012.
- _____. **Semiótica aplicada**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2005b.
- _____; NÖTH, Winfried. **Imagem, Cognição, Semiótica, Mídia**. São Paulo: Iluminuras, 1998.
- TIENNE, André de. **Time and the flow of signs: semiosis and chronogony**. In VI Advanced seminar on Peirce's philosophy and semiotics. Number 15. Year XV, Book 15. Co-edition: Centro Internacional de Estudos Peirceanos, Programa de Estudos Pós-Graduados em Comunicação e Semiótica, Programa de Pós-Graduação em Tecnologias da Inteligência e Design Digital and Pontifícia Universidade Católica de São Paulo: 2012
- VYGOTSKY, Lev Semenovich. **Pensamento e linguagem**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1988.